

O IMPACTO DA PANDEMIA NA APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL

(THE IMPACT OF THE PANDEMIC ON LEARNING IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION)

Alessandra Silva da Costa Barbosa¹

Amanda Nobre do Nascimento Carlos²

Ana Lúcia Tavares de Barros³

Aline da Silva Sousa (Orientadora)⁴

RESUMO

O trabalho tem por finalidade compreender os impactos da pandemia, da covid-19, na aprendizagem da criança na educação infantil. Neste sentido, sabemos que a aprendizagem do aluno é um tema relevante e que precisa de estudos específicos. A educação infantil, durante a pandemia da covid-19, teve inúmeros desafios que influenciou diretamente no trabalho pedagógico da escola, do professor e na rotina das famílias. Este trabalho pretendeu perceber como professores e coordenadores se comportaram diante de tal problema. Como método utilizamos a pesquisa qualitativa e exploratória, descritiva e de campo. Para a coleta de informação realizou-se a aplicação de entrevista, com participação dos seguintes sujeitos: professora e coordenadora de uma escola pública de Fortaleza, como amostra da realidade vivenciada. Concluímos que é de extrema importância a socialização escolar no desenvolvimento da criança para que ela tenha um desenvolvimento pleno e satisfatório e o relato da professora e da coordenadora comprovaram os desafios enfrentados no período de aulas remotas e a defasagem que este período deixou na aprendizagem das crianças de educação infantil.

Palavras-chave: Ensino e aprendizagem. Educação infantil. Pandemia da Covid-19.

ABSTRACT

The work aims to understand the impacts of the covid-19 pandemic on child learning in early childhood education. In this sense, we know that student learning is a relevant topic that needs specific studies. Early childhood education, during the covid-19 pandemic, had numerous challenges that directly influenced the pedagogical work of the school, the teacher and the routine of families. This study aimed to understand how teachers and coordinators behaved in the face of such a problem. As a method, we used qualitative and exploratory,

¹ Acadêmica de graduação do curso de Licenciatura em Pedagogia do Centro Universitário Ateneu – Unidade Lagoa. E-mail: alessandrabarbosacosta730@gmail.com

² Acadêmica de graduação do curso de Licenciatura em Pedagogia do Centro Universitário Ateneu – Unidade Lagoa. E-mail: amandaanobre@gmail.com

³ Acadêmica de graduação do curso de Licenciatura em Pedagogia do Centro Universitário Ateneu – Unidade Lagoa. E-mail: analidiatavares5@gmail.com

⁴ Pedagoga, Mestra e Doutora em Educação. Docente do curso de Licenciatura em Pedagogia do Centro Universitário Ateneu – Unidade Lagoa. E-mail: alinesousa7@professor.uniateneu.edu.br

descriptive and field research. To collect information, an interview was conducted, with the participation of the following subjects: teacher and coordinator of a public school in Fortaleza, as a sample of the reality experienced. We conclude that school socialization is extremely important in the development of the child so that he has a full and satisfactory development and the report of the teacher and the coordinator proved the challenges faced in the period of remote classes and the gap that this period left in the learning of children in early childhood education.

Keywords: *Teaching and learning. Early childhood education. Covid-19 pandemic.*

INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata sobre o impacto das aulas remotas, no período de pandemia da Covid-19, na aprendizagem do aluno da educação infantil, momento este que deu início a um grande desafio, principalmente para os professores que tiveram que reinventar-se adaptando-se ao novo método de ensino (remoto/online).

O ensino remoto foi muito importante na pandemia, a educação passou por um período desafiador para os professores e para os pais que tiveram que dividir as atividades de casa e do trabalho com a atenção direcionada aos filhos na hora de estudar. A pandemia da covid-19 foi um problema grave e a educação infantil também foi impactada, pois é difícil conceber a educação infantil sem a socialização, a qual a criança aprende com as outras crianças, correndo, brincando e conversando.

Diante dessa problemática, percebemos que a educação infantil abriga o momento em que a família e os demais profissionais incentivam o desenvolvimento em diversos aspectos (físico, emocional, sensorial, intelectual, social, etc.), logo a aprendizagem deve ser dada a partir de todos estes aspectos, trabalhando a educação de forma integral.

Em relação aos conteúdos presenciais da educação infantil, é muito importante principalmente, para a aprendizagem da criança, onde ela precisa entender, raciocinar, refletir, repensar e se socializar interagindo com as outras crianças, pois assim ela irá construir seu conhecimento. Vale ressaltar que, os jogos nas aulas remotas e principalmente nas aulas presenciais são muito importantes e educativos, são boas ferramentas para trabalhar a coordenação motora, desenvolver o raciocínio lógico, estimular a memória e a criatividade, proporcionando às crianças outras formas de saber e conhecer de maneira lúdica. No ato de brincar, os gestos, os objetos, os sinais, os tempos e os espaços valem e significam diversas coisas a partir daquilo que aparentam ser. Ao brincar, as crianças recriam e repensam os acontecimentos à sua volta.

A presente pesquisa justifica-se principalmente pela necessidade pessoal em que uma integrante da equipe teve em relação à aprendizagem de seu filho na educação infantil durante a pandemia da Covid-19 e o desejo que temos de entender melhor esse momento e suas consequências, compreendendo que os resultados deste trabalho podem ser significativos para futuras pesquisas neste campo.

Observou-se que a educação infantil passou por grandes mudanças nos últimos tempos e a pandemia da Covid-19 foi um dos fatores de mudança, mas graças ao ensino remoto ela não precisou parar.

Além disso, a aprendizagem sempre precisará de um olhar atento de todos, família, escola e educadores, a fim de integrar e proporcionar ao aluno um ambiente adequado e ferramentas necessárias para conseguir desenvolver o seu aprendizado.

A problematização desta pesquisa apresenta-se no formato da seguinte questão problema: Quais as consequências que a pandemia trouxe para a aprendizagem da criança na educação infantil?

Nossa hipótese é que a consequência da pandemia foi a defasagem na aprendizagem e outro desafio foi do apoio da família nesse momento tão difícil que acabou gerando um problema grave na aprendizagem das crianças também devido ao isolamento social e a dificuldade de acesso aos recursos tecnológicos na escola pública.

Durante a pandemia, a interação social também foi prejudicada, pois é no convívio que a criança aprende um com outro a respeitar, partilhar e ter empatia. Tudo isso é fundamental para o desenvolvimento da aprendizagem da criança e a falta do convívio social foi um fator problemático para o desenvolvimento da criança na educação infantil.

Diante dos desafios da pandemia, fica claro a importância da construção do conhecimento das crianças da educação infantil. Muitas crianças foram prejudicadas no seu desenvolvimento escolar. De acordo com tal situação é necessário que os pais sempre acompanhem as lições de casa dos seus filhos, pois estarão criando laços afetivos ainda mais importantes, que serão fundamentais no decorrer da vida escolar das crianças.

Sendo assim, o objetivo geral desta pesquisa é verificar o impacto das aulas remotas na aprendizagem da criança da educação infantil durante o período de pandemia de Covid 19. Enquanto objetivos específicos, destacamos: Analisar os desafios da escola e dos professores no período da pandemia; investigar os avanços ou retrocessos das aprendizagens na educação infantil no período da pandemia a partir das aulas remotas; e, por fim, identificar as estratégias pedagógicas usadas para impulsionar as aprendizagens na educação infantil no período da pandemia.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. A pandemia e os desafios da escola

A pandemia ocasionada pelo novo corona vírus (SARS-CoV-2) provocou diversas mudanças na realidade de todos os brasileiros desde o mês de março de 2020. Na visão da Unesco (2020), de forma global a vida de milhões de crianças e jovens sofreram os impactos dessa medida, fazendo com que se realizasse uma adaptação emergencial para o ensino das escolas.

Diante das mudanças sociais ocorridas na sociedade devido a pandemia do COVID-19, as escolas precisaram se reorganizar e se adaptar para o novo cenário nacional. Além disso, foi necessário buscar proporcionar uma educação de qualidade e transformadora, aumentando mais ainda a responsabilidade dos professores, da família e de toda a comunidade escolar.

Um dos desafios relatados no estudo de Araújo, Meneses e Vasconcelos (2021) foi de manter as atividades ainda mais dinâmicas, interativas e inclusivas, no intuito de aumentar a participação de forma efetiva a todos os alunos, pois o ensino na pandemia possibilitou o aumento na evasão e no desinteresse escolar. Por isso, os professores precisaram se reinventar e lidar com todos os desafios que apareceram.

Os professores tiveram que se reinventar para conseguir realizar suas aulas à distância, sendo que os alunos também tiveram que se reinventar e buscar vivenciar novas formas de aprender, sem que haja o contato presencial e caloroso com a figura do professor (CORDEIRO, 2020, p.20)

Dessa forma, reaprender a aprender e ensinar tornou-se um dos maiores desafios em meio ao isolamento social. Fica evidente que a pandemia fez com que profissionais aprendessem a ministrar suas aulas de forma diferente das que eram realizadas presencialmente.

Na visão de Costa e Nascimento (2020) foi possível observar, após as transformações ocorridas na educação pelo ensino remoto, que as desigualdades pareciam estar camufladas diante do ensino de forma presencial. Isso foi dito pelo fato da desigualdade social, tecnológica e econômica se tornarem ainda mais visíveis através da perda da interação presencial e direta entre alunos e professores, passando a ser uma das dificuldades do professor e da escola.

Conforme mostram Palú, Schutz e Mayer (2020), a função principal da educação não será mudada pelo fato de ter vivido em pandemia. O foco principal das aulas ainda continua sendo a aprendizagem dos alunos e continua sendo o professor que possui um papel fundamental nesse processo. Mesmo sendo um grande desafio, o educando tem em mãos um

caminho de possibilidades para conduzir a apropriação dos conhecimentos e o desenvolvimento das ações propostas, fortalecendo os vínculos entre família e escola, peças-chaves para o sucesso do ensino remoto.

É evidente que tornar uma gestão democrática, participativa e colaborativa se tornou muito importante durante a pandemia, pois considera-se a escola como sendo um local cheio de direitos e deveres, sendo necessário o seu contínuo funcionamento. Diante disso, o gestor escolar precisa criar estratégias que ofereçam suportes aos alunos, responsáveis, professores e funcionários, sem que prejudique o processo educativo e sem riscos à saúde destes sujeitos. O artigo 2º, §5º da Lei nº 14.040/20 (BRASIL, 2020) descreve que:

Os sistemas de ensino que optarem por adotar atividades pedagógicas não presenciais como parte do cumprimento da carga horária anual deverão assegurar em suas normas que os alunos e os professores tenham acesso aos meios necessários para a realização dessas atividades.

Assim, as escolas passaram a vivenciar diversos desafios em meio a pandemia, tendo que se adaptar em relação a currículos e prática pedagógica, principalmente quando se trata de escolas públicas de tempo integral, pois a maioria dos alunos e professores não tinham acessos aos aparelhos tecnológicos e internet, nem acessos a infraestrutura em casa para realização das aulas.

Assim, Araújo, Meneses e Vasconcelos (2021) reforçam que para ter uma educação de qualidade é necessário que tenha um professor capacitado para o exercício do magistério. Por isso, é importante que esses estejam preparados não apenas com uma bagagem de práticas educativas, mas também em boas condições psicológicas. Sabe-se que o cenário atual trouxe algumas demandas a mais para o professor, como a falta de conhecimento para realização de aulas remotas, a dificuldade pelo contato físico, que aumentaram o seu sofrimento psicológico. Portanto, cabe ao gestor escolar articular as exigências educativas no intuito de compartilhar responsabilidades e tornar uma gestão mais democrática.

2.2 Ensino remoto e o processo de aprendizagem

Os desafios da pandemia mostraram que as escolas precisavam se organizar para se adaptar às mudanças, tendo que migrar para o ensino com o auxílio das tecnologias digitais. Esse tipo de mudanças ocasionou uma transposição de práticas e metodologias que eram usadas no ensino presencial para as plataformas virtuais de aprendizagem, o conhecido ensino remoto

(SOUZA, 2020). De acordo ao descrito acima, Moreira e Schlemmer (2020, p. 9) ressaltam que no ensino remoto:

[...] o ensino presencial físico (mesmos cursos, currículo, metodologias e práticas pedagógicas) é transposto para os meios digitais, em rede. O processo é centrado no conteúdo, que é ministrado pelo mesmo professor da aula presencial física. Embora haja um distanciamento geográfico, privilegia-se o compartilhamento de um mesmo tempo, ou seja, a aula ocorre num tempo síncrono, seguindo princípios do ensino Presencial. A comunicação é predominantemente bidirecional, do tipo um para muitos, no qual o professor protagoniza videoaula ou realiza uma aula expositiva por meio de sistemas de web conferência.

Portanto, a partir do ensino remoto, o professor e o aluno passam a substituir a sua presença física pela presença digital numa sala de aula digital. É no ensino remoto que o principal foco é a forma como será realizada a transmissão dessas informações.

Como relatado por Souza (2020), no ensino remoto se utiliza o que já se fazia na sala de aula presencial, aflorando mais ainda uma perspectiva de educação instrucionista e conteudista. É visto que as crianças e os adolescentes passam a ficarem horas diante da tela do computador assistindo aulas e fazendo atividades, tornando-se muitas vezes cansativo.

Dados da pesquisa do Instituto Península (2020) concluiu que 88% dos professores nunca tinham dado aula de forma remota e 83,4% não se sentiam preparados. Portanto, observa-se que mesmo os professores já tendo utilizado as tecnologias digitais como apoio ao ensino presencial, sentiram dificuldades para se adaptar ao ensino remoto, pois foi visto que muitos não têm infraestrutura adequada em suas residências, como também não possuem formação específica para atuar na docência remota.

Assim, utilizar tecnologias digitais para educação evidencia que os ambientes virtuais modificaram o domínio sobre o fazer docente que era utilizado na modalidade presencial, pois após a pandemia, surgiram outros espaços e tempos pedagógicos.

Os autores Costa e Nascimento (2020) citaram que o ensino remoto quando foi aprovado pelo MEC, ninguém estava preparado para utilizá-lo de forma integral. Foi necessário se adaptar de forma rápida às aulas remotas, não só o aluno, mas as escolas, os professores e os familiares. Dessa forma, a tecnologia digital tornou-se nos últimos anos imprescindível, porém devido a desigualdade presente no Brasil, foi possível verificar grandes desafios para a continuidade das atividades escolares de forma remota.

Em relação às condições de acesso aos recursos tecnológicos, principalmente para as famílias das camadas populares, o telefone celular é o único meio de acesso à internet,

resultando um percentual de 61% e 85%, nas classes C e D, respectivamente, segundo dados do Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br, 2018). Além disso, segundo a Agência Nacional de Telecomunicações (ANATEL, 2020) 55% dos acessos móveis do país são pré-pagos. Vale ressaltar que as pessoas que utilizam o pós-pagos são clientes de “controle” e, portanto, pagam uma taxa fixa no mês, tendo o seu acesso limitado e restrito de tráfego de dados.

Na visão de Saraiva, Traversini e Lockmann (2020), o trabalho no ensino remoto provoca uma exaustão profissional. O professor utiliza além da sua carga horária contratada, utilizando dos três turnos para planejar ações, alimentar plataformas online, realizar web conferências, responder às perguntas e tirar dúvidas por WhatsApp, corrigir atividades e avaliar os alunos a partir desse novo modelo de ensino.

2.3 Educação Infantil na pandemia: progresso ou retrocesso

A cada dia a educação infantil passa por adaptações e melhorias para superar o princípio assistencialista, apesar de, em alguns lugares, ainda existir essa visão. Hoje a educação infantil consiste no atendimento a crianças com idades entre 0 a 5 anos, sendo obrigatória a partir dos 4 anos. Nessa fase as crianças são levadas a se desenvolverem através das interações e das brincadeiras, suas capacidades motoras, físicas, cognitivas, e a fazerem novas descobertas (SANTOS, 2021).

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, 9394/96, em seu artigo 29, a educação infantil é a primeira etapa da educação básica, tendo como principal propósito o desenvolvimento integral da criança até os cinco anos de idade, que juntamente com a ação da família e da comunidade desenvolve seus aspectos físicos, psicológicos, intelectual e social.

No Brasil, a década de 70 se caracterizou pela eclosão de vários movimentos sociais e, em alguns lugares, a creche ganhou enfoque diferente, passando a ser reivindicada como um direito da mulher operária. De acordo com Haddad (1991), a questão da creche avançou muito no Brasil nos últimos anos. Vários setores da sociedade passaram a reivindicar creches e pré-escolas como um direito à educação das crianças de todas as camadas sociais. Na década de 1980, diferentes setores da sociedade se uniram com o intuito de reivindicar o direito à educação para todas as crianças. Esse direito foi reconhecido em 1988 com a Carta Constitucional e, depois de dois anos, foi aprovado o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei 8.069/90, que, ao regulamentar o art. 227 da Constituição Federal, inseriu as crianças no mundo dos direitos humanos (PASCHOAL; MACHADO, 2009).

Com a pandemia do novo Coronavírus, que começou no início do ano de 2020, o processo de ensino e aprendizagem tornou-se um desafio ainda maior. Todas as escolas e instituições de ensino tiveram que fechar devido aos decretos governamentais como medida de proteção e para evitar aglomerações. Devido a isso, as faculdades e escolas passaram todo o restante do ano fechadas, afetando a vida escolar de milhões de alunos e professores que tiveram que se adaptar para essa nova realidade de ensino: as aulas remotas (RANGEL *et al.*, 2020).

Foi, portanto, uma realidade necessária e essencial nesse período para que os estudantes não ficassem sem aulas e o ano letivo não fosse perdido totalmente. Porém, sabe-se que os professores sentiram dificuldades para manter toda a qualidade no ensino em aulas remotas, principalmente por saberem que já era escasso e já existiam problemas no setor público, principalmente, para o uso de tecnologias.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) não prevê as práticas de Educação à Distância (EaD) para o nível da educação infantil, tornando-se inviável até para casos emergenciais. Isso foi destacado pelo fato de ter necessidade de um nível de ensino com condições, mesmo que mínimas, de qualidade não assegurada por meio da transposição do que era realizado presencialmente, para atividades remotas delegadas às famílias (ALVES, 2020).

Porém, diante da pandemia e da necessidade de contemplar a educação infantil, o Conselho Nacional de Educação (CNE) no artigo nº 16 (BRASIL, 2020) sugeriu que as instituições de educação infantil elaborassem orientações/sugestões para os pais ou responsáveis mostrando a diversidade de atividades sistemáticas que podem ser utilizadas com seus filhos dentro de seus lares, principalmente durante o isolamento social. Além disso, o CNE descreveu os tipos de atividades a serem propostas como atividades que estimulassem as crianças, transformando o cotidiano em um local de interação e aprendizagem (BRASIL, 2020).

Vale ressaltar que, a socialização é um processo muito necessário durante a infância e que se desenrola durante os longos sete a oito primeiros anos de vida, como é afirmado por Piaget (1998). Além disso, Vygotsky (2002) também corrobora com os resultados Piagetianos, descrevendo que a socialização tem o objetivo não apenas de interação, como também é fator determinante do meio social que marca o desenvolvimento da criança.

Portanto, é preciso considerar as fases do desenvolvimento infantil, mesmo no período da pandemia, procurando pensar em ações que colaborassem na produção infantil por meio de estratégias de interação utilizando as tecnologias digitais para promover a aprendizagem e desenvolvimento da criança durante o ensino remoto, sempre observando para que a criança não ficasse muito tempo conectada, pois elas precisam realizar também movimentos, novas experiências e explorar fisicamente o mundo ao seu redor. Por isso, foi necessário que

utilizassem atividades com objetos e materiais de dentro de casa, incentivando a prática da aprendizagem de forma lúdica.

É imprescindível que haja um planejamento de forma coordenada para as propostas de ações a serem desenvolvidas com as crianças, além de estabelecer uma parceria com a família, pois elas que irão contribuir para o desenvolvimento. Dentro da Psicologia do desenvolvimento, a linha sociointeracionista, representada principalmente por Piaget, Vygotsky e seus respectivos seguidores, é uma corrente teórica que defende a existência de uma relação recíproca entre indivíduo e meio, pois ao mesmo tempo que a criança modifica o meio, é modificada por ele, o que depende muito do meio ao qual ela esteja inserida.

Baseado nesses autores, os objetivos pedagógicos necessitam estar atentos ao desenvolvimento do aluno/criança, verificando nas atividades a evolução do sujeito, norteando a instituição escolar, sendo necessário, portanto, um planejamento pedagógico, no intuito de obter uma aprendizagem significativa ao levar em conta a ação de brincar como forma das crianças se conhecerem e de produzirem conhecimento.

Alves (2020) trouxe em seu estudo alguns exemplos de relatos de experiências vivenciadas durante o período de isolamento social, tais como: a utilização de práticas de contação de histórias, que uma vez encaminhadas aos pais e responsáveis, atuam como prováveis promotoras de interação da criança com o grupo familiar. Como exemplo, o autor citou o livro infantil - *Coelhinho Zezé em: Cadê Todo Mundo?* – Autoria de Jane Prado.

A contação de história faz com que os professores exerçam um papel fundamental no desenvolvimento da criança, pois contribui para que a história realmente prenda a atenção da criança, trazendo um despertar e uma curiosidade, estimulando a imaginação e desenvolvendo seu intelecto. Sendo assim, a contação de histórias torna-se uma ótima opção para trabalhar a oralidade e inseri-lo no mundo da leitura (SILVA; FEITOSA; MOTA, 2020).

Diante do que foi descrito no Parecer 5/2020 do CNE, é importante que todas as atividades voltadas à criança devam ter uma intencionalidade, no sentido de estimular novas aprendizagens, respeitando sempre o nível etário dela, pois crianças de 0 a 3 anos precisam receber atividades de estímulo a leitura de textos, brincadeiras, jogos e músicas infantis dentre outras. Já crianças de 4 a 5 anos precisam participar de atividades lúdicas, como leitura de histórias, músicas, jogos, brincadeiras e, quando possível, algumas atividades em meio digital. A criança pode participar de atividades rotineiras de dentro de casa, transformando o ambiente em um espaço de interação e aprendizagem (BRASIL, 2020).

Portanto, é visto de maneira clara a dificuldade que se teve de realizar ensino remoto para crianças, mas existindo uma estratégia de planejamento adequada, o ensino remoto para a

Educação Infantil diminuiu não apenas os impactos provocados pela pandemia, mas também garantiu a promoção de aprendizagens, desenvolvendo os aspectos motor e cognitivo das crianças.

3. METODOLOGIA

O tipo de pesquisa realizada foi de natureza qualitativa, que, para Gil (2008), consiste na realidade social em sentido amplo – que envolve os seres humanos, seus múltiplos relacionamentos e suas interações nas instituições sociais – é possível entender que esse estudo se aproxima de uma pesquisa social, nos termos colocados por Gil (2008), ou seja, uma pesquisa que “permite a obtenção de novos conhecimentos no campo da realidade social.” (p.42). O trabalho está classificado como exploratório, descritivo, segundo o conceito de Gil (2010), ou seja, reúne estudos com a finalidade de preencher uma lacuna no conhecimento com uso da entrevista, por exemplo. Para tanto, realizamos uma pesquisa de campo em uma escola municipal.

Nossa pesquisa de campo foi realizada em uma escola municipal, no bairro Praia do futuro, na cidade de Fortaleza, no estado do Ceará, com a finalidade de adquirir conhecimentos acerca da experiência dos profissionais e as famílias dos alunos. Fomos a campo para coletar dados e analisar a instituição, assim nós pudemos registrar os fatos relatados pelos participantes. Escolhemos essa escola por ser de uma comunidade carente e que requer bastante atenção do poder público, intencionando coletar as experiências dos profissionais no período da pandemia.

Nosso objetivo foi obter informações à cerca da participação de todos na busca de estratégias e qualidade do ensino durante a pandemia da covid 19, questões que estão diretamente relacionados a fatores como a gestão escolar, a metodologia de ensino utilizada e o corpo docente. A missão de levar ao educando o acesso ao conhecimento e a promoção de atitudes e valores para o exercício da cidadania é o diferencial para o sucesso integral da escola.

Os participantes da pesquisa foram uma professora da educação infantil, lotada desde o período da pandemia; e sua coordenadora, pois por estarem diretamente em contato com alunos e pais, tem a autonomia e experiência de responder às questões relacionadas ao desempenho satisfatório ou não das aulas remotas.

Nossa coleta de dados foi realizada por meio da entrevista semiestruturada para buscar compreender a realidade pela ótica dos sujeitos, no caso, a professora e a coordenadora. Essa pesquisa se constitui como sendo de campo, no que se refere ao ambiente onde os dados foram

coletados (GIL, 2010). Essa entrevista foi composta por perguntas que tiveram a finalidade de levantar dados a respeito do impacto da pandemia na educação infantil.

A entrevista foi organizada de forma semiestruturada, nos termos colocados por Minayo (2013), ou seja, combinando perguntas fechadas, feitas pelo investigador, buscando dar maior profundidade às reflexões, e perguntas abertas, dando aos entrevistados a possibilidade de falar, livremente, sobre o tema pesquisado.

O resultado destas entrevistas seguida das análises com base no objetivo deste trabalho serão expostos a seguir.

4. RESULTADOS E ANÁLISES

Primeiramente convidamos as participantes para nos reunirmos e debatermos sobre as perguntas propostas. A primeira a participar foi a coordenadora, que chamaremos de Bia, como nome fictício, para resguardar o sigilo da identidade da mesma. Perguntamos como ela avaliava o período da pandemia para a educação infantil. Em síntese, ela respondeu que foi um período muito delicado e de grande desafio para os professores, dizendo:

Lembro que as professoras da educação infantil tiveram muita dificuldade em manter as aulas remotas, tanto pela inexperiência com as tecnologias, como pela condição de algumas famílias, que não tinham acesso à internet. A melhor saída era interagir com o máximo de alunos possível e garantir o vínculo com os alunos e a família.

Analisando a resposta da coordenadora, sabemos que na educação infantil as interações e brincadeiras são fundamentais no desenvolvimento da criança pois, conforme sinaliza Vygotsky (2002),

O desenvolvimento do pensamento infantil acontece em dois momentos: Primeiro no nível social, depois no nível individual, a interpsicológica e a intrapsicológica; isso se aplica igualmente para atenção voluntária, para memória lógica e para a formação de conceitos. (VYGOTSKY, 2002, p. 91)

Assim, enfrentar a realidade da falta de interação social é desafio destacado pela coordenadora que, diante dos problemas tecnológicos, focou no aspecto de manter o máximo de interação possível visando o maior desenvolvimento das crianças.

Seguindo as questões, perguntamos se no período da pandemia houveram orientações ou intervenções por parte dos órgãos públicos para realização das aulas remotas. A mesma

respondeu que sim, nas formações mensais com a Secretaria Municipal de Educação - SME, porém afirmou que não eram suficientes para garantir a total segurança para coordenar as professoras. Relatou que: “Tudo era muito novo e nos deixava insegura, tivemos que nos reinventar da noite para o dia, eu mesma pesquisei diversas estratégias que chamassem a atenção dos pais em relação às aulas das crianças”.

Por esse lado podemos perceber o engajamento por parte da coordenadora em querer manter esse vínculo entre família e escola, principalmente na educação infantil, pois com base na fala de Cunha, Fest e Bezerra (2021, p.576) “o diálogo é estabelecido por meio das interações sociais entre a criança e, a família, o professor, e as outras crianças, e também a mídia é fundamental para o seu desenvolvimento e a sua formação integral”. Deste modo, vimos que esse vínculo e outras habilidades foram restringidos e negados devido ao distanciamento social, diante deste desafio a coordenadora focou em pesquisar recursos e estratégias diversos.

Também tivemos a possibilidade de entrevistar a professora que chamaremos de Cíntia, como nome fictício, que na época atuava no infantil IV, onde continua lecionando até hoje. No encontro que tivemos, a primeira pergunta foi a seguinte: Quais estratégias pedagógicas foram usadas para impulsionar novas abordagens na educação infantil no período da pandemia? Cíntia relatou que durante a pandemia teve muitos desafios em relação ao contato das crianças com outras crianças, de manter esse vínculo e interação. A professora citou:

Tivemos um grande desafio pois, uma vez que a educação infantil se faz através da interação entre as crianças, se tornava muito difícil fazer com que aquelas crianças tivessem o mínimo possível, não só de conteúdo, mas de afeto e estímulo para continuar estudando, nem que fosse numa realidade virtual.

Ela comentou que utilizou um aplicativo de conversas e com ele fez um grupo com os pais, onde foi fundamental para interagirem de forma remota com a participação das crianças. Nas atividades propostas tentava utilizar materiais simples e de fácil acesso para não terem que sair de casa, também mandava atividades escritas e esperava o retorno delas pelo aplicativo. A professora disse que apenas no segundo ano de pandemia receberam um suporte maior em forma de material didático. Relatou também:

Alguns livros e materiais individuais foram entregues pela prefeitura e com isso ampliou um pouco as atividades propostas e os materiais ficaram mais variados, mas sempre utilizando vídeos e fazendo links para a devolução de atividades.

Explicou também que só no final do segundo ano de pandemia foi que começaram as aulas em formato híbrido e que sentiu a diferença na aprendizagem das crianças, com características distintas entre as que foram incentivadas pelos pais e as que não foram.

Tínhamos 20 alunos, em uma semana vinham 10 e na outra, os outros 10 restantes e notei que haviam crianças muito atrasadas, eram justamente as que não participavam das aulas online, tive que adaptar novas atividades que facilitasse a aprendizagem dessas crianças.

Observamos que realmente foi um período muito difícil, principalmente para a educação infantil, no qual o contato físico faz toda diferença na aprendizagem infantil, a professora Cíntia utilizou o máximo de ferramentas para não deixar que a pandemia prejudicasse seus alunos e se reinventou, com propostas que despertassem o interesse por suas aulas. Isso mostra na prática o que diz Araújo (2017, p.17) “é preciso que a escola seja comprometida com o processo formativo dos sujeitos, que possua uma proposta pedagógica que considere todo o contexto social, político, econômico, cultural e ambiental dos alunos.”

Cabe a nós seguirmos com nosso comprometimento em relação à educação, nos capacitando e buscando sempre algo inovador que favoreça o ensino e aprendizagem de nossas crianças.

Retornando com as perguntas, fizemos a seguinte: Quais as consequências do isolamento social para a educação infantil? Ela relatou que realmente foi o atraso na aprendizagem e no aproveitamento escolar, que prejudicou bastante o cognitivo das crianças. Os resultados na aprendizagem ficaram defasados, e até hoje, tenta recuperar o prejuízo deixado pela pandemia. A rotina também foi um dos fatores que mais se agravaram, pois conforme o relato de Cíntia, o maior desafio era manter esse vínculo. Segue o relato: “Tínhamos cinco dias de aula na semana, na sexta nos despedimos com atividades dinâmicas, justamente para tentar manter essa rotina e dentro de um contexto atípico, trazer a normalidade da rotina escolar.”

Nesse sentido, realmente a falta de rotina tende a prejudicar a aprendizagem da criança no aspecto de valores e limites estabelecidos, pois segundo Oliveira (2002) “a rotina diária é para as crianças o que as paredes são para uma casa, dando limites, fronteiras e dimensão à vida. A rotina dá uma sensação de segurança.”

Nessa mesma perspectiva, Cíntia falou que em relação à volta às aulas híbridas, notou que a afetividade entre as crianças não foi abalada,

Elas reagiram super bem ao retorno das aulas, não percebi nenhuma dificuldade entre elas em reestabelecer a rotina escolar, já os pais, esses sim mostraram mais resistências a esse retorno, muitos só regressaram no ano seguinte.

Na realidade, o isolamento social marcou uma sociedade como um todo; e a educação, especialmente a infantil, sem dúvida nenhuma, foi a mais prejudicada tanto no emocional quanto no social. Nossas crianças precisam recuperar o prejuízo na aprendizagem e reestabelecer o nível desejado por cada etapa para que possamos nos orgulhar de uma educação de qualidade e eficaz que toda criança tem por direito.

CONCLUSÃO

A qualidade na educação infantil sempre foi um grande desafio. Dessa forma, nosso trabalho foi escrito para elucidar o impacto na aprendizagem na educação infantil, no período da pandemia, uma vez que esta requer total interação entre professor/aluno, aluno/aluno. Nesse sentido, disponibilizamos entrevistas com profissionais para compreender melhor o assunto e investigar os possíveis avanços ou retrocessos na aprendizagem na educação infantil.

Em suma, constatou-se que houve uma grande defasagem no aprendizado e no emocional das crianças, além do atraso na entrega de materiais e de suporte técnico, o que dificultaram ainda mais a tentativa de manter as aulas mais eficientes e atrativas em meio a todo aquele caos.

Em vista disso, concluímos que a teoria de hipóteses da pesquisa foi confirmada, uma vez que, é na educação infantil que a criança aprende um com outro, a respeitar, partilhar e ter empatia; porém, fez-se necessário restringir essas habilidades devido ao isolamento social, deixando a educação infantil desprovida de um ensino satisfatório e eficiente.

Diante dos fatos, é de suma importância que todos os profissionais da educação se dediquem à solucionar o problema, impulsionando e fortalecendo os métodos de ensino na educação infantil e no ensino fundamental, pensando nas crianças da educação infantil que passaram pela pandemia e agora estão nos anos iniciais do ensino fundamental, a fim de recuperar os atrasos deixados pela pandemia e garantir uma melhor qualidade na educação, para que no futuro, possamos nos orgulhar de uma nova pesquisa com resultados significativamente positivos em relação à nossa educação infantil brasileira.

REFERÊNCIAS:

ALVES, M. G. da Silva. **Vivências lúdicas na educação infantil e o contexto de pandemia de Covid-19 no Brasil.** Monografia (Graduação), Universidade Federal da Paraíba (UFPB/CE), João Pessoa, 2020.

ANATEL, **Agência Nacional** de Telecomunicações, (Conecta Brasil) 2020.

ARAÚJO, A. S.; MENESES, J. M. VASCONCELOS, F. L. V. Os desafios da gestão educacional democrática no cenário da pandemia. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 2, n. 3, p. 1-12, 2021.

ARAÚJO, Jefferson Flora Santos de. O currículo e as práticas pedagógicas (des) contextualizadas da escola no **Campo do Seminário paraibano.** 2017.

BRASIL. CNE. Parecer CNE/CP nº 5/2020. Reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da **pandemia da COVID-19.**

BRASIL. **Ministério de Educação e Cultura. LDB** - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.

CORDEIRO, K. M. de Araújo. **O Impacto da Pandemia na Educação: A Utilização da Tecnologia como Ferramenta de Ensino.** Faculdade IDAAM, Amazonas, 2020.

COSTA, A. E. R. NASCIMENTO, A. W. R. Os desafios do ensino remoto em tempos de pandemia no Brasil. IN: **VII Congresso Nacional De Educação - CONEDU.** Maceió - AL, 2020.

CUNHA, Francimara; FERST, Enia Maria; BEZERRA, Nilra Jane Filgueira. **O ensino remoto na educação infantil: desafios e possibilidades no uso dos recursos tecnológicos.** Revista Educar Mais, v.5, n.3, p. 570-582, 2021.

DA SILVA, Maria de Lourdes Soares; DA SILVA FEITOSA, Francisca; DA SILVA MOTA, Janine. **Contaçõ de história: benefícios e contribuições na Educação Infantil.** Humanidades & Inovação, v. 7, n. 1, p. 371-385, 2020.

FRIEDMAN, A. **O brincar na Educação Infantil.** Editora Moderna: São Paulo, 1ª ed., 2018.

GIL, A. Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIL. **Métodos e técnicas da pesquisa social.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

HADDAD, L. A creche em busca de identidade. São Paulo: **Loyola**, 1991.

LINHARES, M. B. M.; ENUMO, S. VYGOTSKI, L.S. **A Formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 2002.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 33. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

MOREIRA, J. A.; SCHLEMMER, E. **Por um novo conceito e paradigma de educação digital OnLife**. Goiânia. Revista UFG, Goiás, v. 20, n. 26, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/revufg.v20.63438>. Acesso em: 20 mar. 2022.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos. **Educação infantil: Fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez Editora, 2002.

PALÚ, J.; SCHUTZ, J. A.; MAYER, L. **Desafios da educação em tempos de pandemia**. Cruz Alta: Editora Ilustração, 2020.

PASCHOAL, J. D. MACHADO, M. C. G. A história da educação infantil no Brasil: avanços, retrocessos e desafios dessa modalidade educacional. V. 9, N.33, **Revista histedbr on-line**, 2009.

PIAGET, J. **A psicologia da criança**. Ed. Jose Olympio, Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 1998.

PIAGET, J. **Para onde vai a educação?** Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.

RANGEL, L. A.; SILVA, A. C. Atividade Prática para aprendizagem geográfica: Ensinos de solos na Educação Básica. **Terra e didática**, V. 16, 2020.

Relatos da Educação no contexto da Pandemia, **INSTITUTO PENÍNSULA**, agosto, 2020.

SANTOS, Jossiane Soares. **O Lúdico na educação infantil**. Disponível, <https://www.edirorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalho/ludico.pdf>. acesso:22/09/2021.

SARAIVA, K.; TRAVERSINI, C; LOCKMANN, K. A educação em tempos de COVID-19: ensino remoto e exaustão docente. **Práxis Educativa**, v. 15, p. 1-24, 2020.

SOUZA, E. P. Educação em tempos de pandemia: desafios e possibilidades. **Rev. Cadernos de Ciências Sociais Aplicadas**. V. 17, Nº 30, 2020.

VYGOTSKI, L.S. **A Formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.